
Debbie
REYNOLDS

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 47)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

DEBBIE REYNOLDS

a «menina endiabrada de Hollywood»



SENDO certo que o Texas é uma das mais ricas regiões, não só da América, mas de todo o Universo, graças aos tesouros do seu subsolo, extraordinàriamente fértil no pre-



Duas cenas da película «Serenata à Chuva», o primeiro grande êxito cinematográfico da encantadora Debbie Reynolds, em que a actrizinha contracena com o consagrado Gene Kelly.



cioso líquido que é o petróleo, não é menos certo que, infelizmente, nem todos, no Texas, são milionários.

Por lá labutam, como por todos os outros territórios dos mais próximos aos mais remotos, variados tipos de homens, exercendo as mais dispares profissões. Médicos, advogados, jornalistas, actores, escritores, pedreiros, carpinteiros, agricultores, pintores, abundam no Texas como na Califórnia, no Brasil como no Chile, na Austrália como em França, em Portugal como na Espanha. Uns, mais hábeis ou mais afortunados triunfam e enriquecem. Outros, menos dotados, ou menos bafejados pela Deusa Fortuna não conseguem passar de uma relativa mediania. E dizemos relativa porque a mediania na América proporciona àqueles que nela vivem certas comodidades e regalias que na Europa e mesmo nalguns outros países americanos, só os ricos podem usufruir.

Ora em El Paso, uma das muitas cidades do Estado do Texas, vivia, há aproximadamente trinta anos, um casal que era feliz na sua mediania.

Ele chamava-se Raymond Reynolds e empregava a sua actividade como carpinteiro dos caminhos de ferro, na «Southern Pacific Railroad». Ela, Maxene, gastava todo o seu tempo na lida de uma casa pequena, é certo, mas alegre e confortável que era o seu lar, e cuidava amorosamente do filho que Deus lhes dera para alegrar os seus corações.

Dois anos se passaram em que as alegrias se alternavam com as tristezas na luta constante que é a vida. Mas a união espiritual daqueles três seres que habitavam uma pequena mas graciosa casa de El Paso nunca foi afectada. E quando a Providência anunciou aos esposos que Bill, o seu filho, iria ter um irmãozito (ou uma desejada irmãzita) aceitaram essa situação como uma verdadeira bênção do Senhor.

Corria o ano de 1932 e com o desdobinar do mês de Março aproximava-se a hora em que Maxene deveria dar à luz o seu segundo filho. Certo dia, quando tudo fazia crer que se encontrava no último período da gravidez, a senhora Reynolds sentiu-se possuída de uma estranha sensação de mal-estar, em nada semelhante ao que sentira quando do nascimento do seu pequeno Bill. A respiração começou a tornar-se-lhe mais lenta, entrecortada. Faltava-lhe o ar. Sufocava.

Raymond estava no seu emprego e foi o pequeno Bill quem, notando qualquer coisa de insólito no semblante e na atitude da mãe, correu a chamar uma vizinha.

Levada à pressa para o Hospital Operário, os médicos constataram que a pobre senhora estava intoxicada por emanações de gás carbónico, aspirado em tão alta percentagem que a sua vida, tal como a do pequeno ser que se agitava no seu ventre, estavam em sério perigo.

Raymond F. Reynolds ouvido sobre o estranho caso, explicou:

— Só posso atribuir semelhante desgraça a qualquer deficiência do velho calorífero que nos ajuda a melhorar o conforto do nosso lar pobrezito.

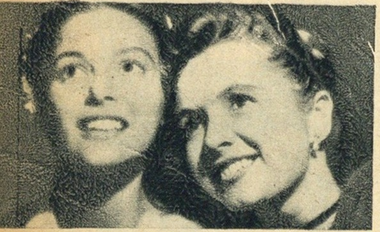
Foram momentos de angústia indiscritível os que viveu o honesto carpinteiro, enquanto os médicos, esgotando todos os recursos da sua ciência, travavam uma luta de gigantes contra a Morte que rondava aquelas duas vidas. Por fim, a ciência triunfou. Maxene sobreviveu e com ela o pequeno ser que trazia dentro de si. Em todo o mundo se celebrava o «Dia das mentiras» quando Maxene deu ao mundo o seu segundo filho: uma menina que mais tarde haveria de se impor ao mundo como uma das mais

Simpática, bela, azougada, eis Debbie Reynolds, irradiante de juventude numa dança em que o seu parceiro é, nem mais nem menos, do que o famoso Gower Champion, um dos melhores bailarinos americanos.





Sempre sorridente mas cuidadosa, Debbie Reynolds assenta num calendário de parede algo que lhe foi recomendado telefònicamente.



Debbie Reynolds e Pier Angeli, duas jovens artistas e duas mulheres igualmente formosas, embora de diferentes tipos de beleza, fizeram acelerar os corações dos brasileiros quando, acompanhadas de Carlton Carpenter, visitaram o Brasil.

populares, simpáticas e azougadas artistas de cinema: Debbie Reynolds.

Foi, pois, no dia 1 de Abril de 1932 que, com um sorriso nos lábios, apesar do ar de tragédia e incerteza que envolvera o seu nascimento, que pela primeira vez viu a luz do dia o segundo filho do casal Reynolds.

Era um bebé encantador, gordinho e rosado, que todos começaram a amar talvez pelo seu ar constantemente sorridente e porque raramente chorava ou fazia barulho.

Mas se Deus os enriquecera com a dádiva daquele pedacito de carne mimosa, outro tanto não sucedera materialmente, e Raymond Reynolds, a despeito dos esforços titânicos que fazia, não conseguia melhorar a sua posição profissional e, por consequência, a sua situação material. Ganhava 1 dólar diário, e apenas prodígios de economia logravam fazer «esticar» tal importância para ocorrer a todas as despesas familiares, acrescidas agora com a existência de Mary Frances (nome que recebera na pia baptismal a bela recém-nascida).

A alegria de viver, fruto de uma perfeita compreensão mútua entre os esposos, o amor que os ligava ternamente entre si, e aos filhos, produziam, no entanto, o milagre de lhes conceder o desejo permanente de festejarem as datas memoráveis.

— Mesmo quando não havia um tostão em casa — recorda ainda hoje a senhora Reynolds — nós celebrávamos os aniversários da família, e os dias de festa, à nossa maneira.

A perfeita harmonia, a felicidade resultante do modo optimista como encaravam a vida, a constante compreensão que reinava entre os esposos Reynolds construíram um ambiente de desanuviamento e alegria que teria de ser necessàriamente ideal para a educação dos filhos e justificativo da sua ânsia de viver ao seu irrequietismo.

E assim, ao atingir os dezoito meses, Mary Frances era uma garota encantadora, mas de um irrequietismo, de uma viveza e de uma alegria tão estuante que chegava a parecer demasiada, sobretudo a Bill, vítima passiva e compreensiva das suas diabólicas traquinices.

Na sua corrida inexorável e sem fim o tempo foi decorrendo e Mary France foi crescendo, sempre traquina, sempre azougada, sempre transpirando alegria por todos os poros.

No dia em que fez sete anos, teve lugar um facto importante na sua vida. Mary Frances foi, pela primeira vez, ao cabeleireiro frisar o seu cabelo castanho-claro de fulgentes cintilações, e depois de envergar o seu melhor fato, foi ao fotógrafo, onde tirou um retrato comemorativo do seu aniversário. Mas os sete anos trouxeram-lhe, além do cabelo frisado e do retrato, os primeiros deveres: a escola.

Os primeiros passos da instrução primária ensaiou-os Mary France na Houston Grammar Scholl, de El Paso, onde granjeou a fama de ser boa estudante, inteligente e aplicada, e... um verdadeiro e vivo demónio.

No ano seguinte, seu pai foi transferido da Southern Pacific Railroad, onde continuara a desempenhar as suas funções de carpinteiro, para a Southern Califórnia, e toda a família se transplantou para Burbank.

A situação financeira de Raymond Reynolds melhorou consideràvelmente com a sua transferência e, assim, em pouco tempo, a família pôde mudar-se para uma graciosa vivenda, circundada por um mimoso e fresco jardim, a mesma em que hoje vivem — com excepção de Mary France, a Debbie Reynolds dos nossos dias.

Com um verdadeiro lar, com a alegria que o desafogo material sempre provoca, com o inalterável amor que ligava a família, servindo como pano de fundo, Mary France, a «Frannie» — como era tratada e conhecida entre os amigos — foi crescendo e dando livre curso ao seu espírito inquieto e travesso, sempre disposto à brincadeira, sempre jovial e feliz.

Em Burbank, o seu irrequietismo e seu

Apesar do penteado e do vestido, ambos fora de moda, Debbie Reynolds aparece-nos igualmente bela e esplendorosa nesta cena de «Serenata à Chuva», na qual se vêem também Donald O'Connor e Gene Kelly, dois actores-bailarinos-cantores de créditos firmados.





Enquanto Debbie e sua amiga Virgínia Gibson descansam um pouco da fadiga provocada pela mudança de lar dos Reynolds, efectuada nesse dia, o seu «amigo» parece «ladrar» ao telefone. Será Eddie quem está do outro lado do fio?

dinamismo, a sua alegria depressa a tornaram conhecida e admirada; sobretudo entre os estudantes da Roosevelt Grammar School, onde continuou a sua educação escolar começada em El Paso, no Texas. Ao seu feitio endiabrado aliava Mary France uma liberdade de linguagem tal que, certo dia, a directora da escola mandou chamar Maxene Reynolds a fim de lhe fazer notar o modo pouco académico como a pequena Mary se expressava.

Mais tarde, quando aludiam a semelhante pormenor, a senhora Reynolds explicava:

— Foram os seus quatro tios que lhe ensinaram tal vocabulário, falando livremente na sua presença. O resto fê-lo a sua memória e o irrequietismo azougado da sua personalidade.

Ainda na Roosevelt Grammar School, e logo no ano seguinte, tinha ela, portanto, nove anos, teve o seu primeiro namorado, um rapaz alourado e sardento, de grandes dentes desalinhados, chamado Roger. E de Roger recebeu ela o seu primeiro presente... uma insignificante bugiganga que fez a sua felicidade.

O tempo foi passando e Mary Frances foi moderando gradualmente o seu irrequietismo. Ainda na escola primária junta-se a um grupo de raparigas escuteiras cuja designação era «As irmãs de Job», mas não passava de uma sociedade maçónica feminil. Adorava a vida ao ar livre, o campismo, a emoção de dormir ao relento, tendo como coberta o céu azul, constelado de pontos brilhantes, e o imprevisto de uma refeição cozinhada num «fogão» formado por duas pedras. O seu desporto favorito era a natação, e o seu sonho dourado ser artista de cinema.

Porém, e isto apesar de ser muito popular em Burbank, Debbie nunca fez parte de qualquer elenco teatral, nem mesmo na escola, onde acabava sempre por desempenhar as funções de «ponto» ou contra-regra, com enorme mágoa da sua parte. Lembravam-se dela para tudo, até para presidir e animar com o seu bastão as paradas da escola, excepto para aquilo por que ela ansiava: representar.

E para mascarar a mágoa que a dominava por não a deixarem experimentar a vocação que sentia ter, a jovem Mary Frances imitava todos os esgares, trejeitos e caretas da actriz que mais admirava: Betty Hutton. E a garotada de Burbank juntava-se à sua volta para

a admirar e ria com a sua irresistível comicidade, aplaudindo-a frenèticamente. Esses foram os seus primeiros aplausos. Os mais valiosos por serem os mais espontâneos e os mais verdadeiros.

Em Fevereiro de 1947, Mary Frances foi galardoada com uma distinção do grupo de raparigas escuteiras de que fazia parte, e a garota que enchia Burbank com a sua alegria e o seu gargalhar estrepitoso, ouviu, séria e perfilada, a leitura do elogio.

«Pela coragem, inteligência, pelas qualidades do seu carácter, pela prontidão e exactidão dos seus serviços, pela sã camaradagem de que tem dado sobejas provas...».

Entretanto, terminara o curso da Roosevelt Grammar School e matriculou-se na «John Burroughs High School», tornando-se também presidente do «Batonette Club» e rainha do grupo masculino de «baseball» da referida escola. Ao mesmo tempo que prosseguem os seus estudos, Mary consegue entrar como solista de trompa na Burbank Youth Symphony Orchestra, onde era também violoncelista suplente.

1948 marca para Debbie uma recordação inesquecível: o seu primeiro baile. Para todas as jovens essa é uma daquelas recordações que não esquecem, um daqueles factos que de tal modo se gravam na memória — por mais fraca que ela seja — que nem o próprio tempo de lá consegue removê-lo.

Era a festa anual da escola. Mary Frances nem dormira na noite anterior a sonhar com a sua primeira dança. Tudo lhe parecia maravilhoso, até o vestido de tafetá preto que fora de sua mãe e esta arranjara ao seu corpo.

O seu companheiro seria Jerry Odem, o seu melhor amigo. Depois...

Bem, o melhor é darmos a palavra à própria Debbie Reynolds, ainda na pele de Mary Frances, para que a narração não perca nada do seu sabor.

— Eu não posso esquecer essa noite — começa ela por afirmar. — Eu brincava habitualmente com os rapazes amigos, vivia rodeada deles e nunca me passara, por isso,



O desporto interessa a juventude, e a equitação, sendo um desporto alegre, teria forçosamente de interessar uma rapariga alegre como Debbie Reynolds.

A esfusiante graça de Debbie Reynolds tem um digno complemento na bicicleta, o veículo leve que melhor se casa com a leveza de uma rapariga elegante.





No decorrer de uma festa, em Hollywood, Debbie Reynolds, sorriso gaiato na beca juvenil, parece muito interessada no que dizem Dean Martin e Lauren Bacall.

pela ideia que, algum dia, um deles viesse a pedir-me namoro. Eu era simples, nem mesmo usava «bâton», detestava as camisolas apertadas por me fazerem sobressair o busto, e vivia a vida a meu belo prazer sem me deter em qualquer das ninharias a que hoje — porque não confessá-lo? — já ligo certa importância. Quando Jerry me pediu que fosse com ele à festa, eu respondi-lhe que não, porque ele era considerado em toda a Burbank como um verdadeiro «lobo». Por fim, acabei por lhe fazer a vontade, e lá fomos.

«Mais tarde voltei a sair com ele, agora para tomarmos parte num piquenique, e dessa vez tanto eu como ele sentimos um certo embaraço. Jerry descobrira que gostava de mim e, a partir desse momento, os nervos apoderaram-se de nós, dominando-nos por completo.

«Felizmente que tudo passou, e hoje sou muito amiga de Jerry, e sinto-me feliz por saber a minha amizade inteiramente retribuída.

Como complemento indispensável desta narração da encantadora «Frannie», vejamos o que opina Jerry Odens da sua amizade com a «estrelinha»:

— Eu adorava andar com ela — confessa o rapaz. — Remávamos juntos e nadávamos, passeávamos, patinávamos, jogávamos o golfe e... passávamos o resto do tempo à procura dos sapatos de «Frannie».

E, sorrindo à evocação do facto, logo prosseguiu, esclarecendo:

— Em todo o lado ela tirava os sapatos, e era costume, depois, mobilizar-me para a ajudar a encontrá-los. «Frannie» não fumava nem bebia, e eu apreciava-a imenso. Muito esperei e desejei um beijo seu, e só o consegui quando a garota mais endiabrada da cidade ganhou o concurso de «Miss Burbank».

Foi Jerry Odens quem, depois de muitas insistências — a que ela sempre se furtava alegando que não era bonita nem elegante, que precisava de frisar o cabelo e não podia, e que não tinha um fato de banho capaz — conseguiu convencer Mary Frances a concorrer.

Contudo, a jovem, na noite designada para o Concurso, apareceu com o cabelo por frisar, o fato de banho era não só velho como até desbotado, e o vestido de noite com que se apresentou perante o júri tinha os ombros demasiado largos e o respectivo corpo não se ajustava ao seu busto pequeno.

Para que tenha mais colorido o que foi a actuação da que daí a pouco tempo começaria a celebrizar-se com o nome de Debbie Reynolds, vamos dar a palavra a Solly Baiano, um caça-talentos da Warner Bros., que assistiu à exibição da azougada gaiata, que lhe valeu o título de «Miss» Burbank e um contrato para o cinema.

Tem, pois, a palavra Soly Baiano.

— Durante o concurso eu reparei numa garota que, a um canto do palco, observava as outras concorrentes. Estava excitadíssima. Batia palmas a torto e a direito, e eu, pensando que ela trabalhasse no palco do teatro, murmurei para um dos membros do júri que se encontrava perto de mim: «Repare naquela pequena, veja como é engraçada! É pena que não tenha concorrido!».

«Depois de cerca de trinta concorrentes terem desfilado perante o júri, tentando mostrar aquilo que valiam, vejo, com espanto, que a garota concorria também e, empoleirada nuns saltos enormes, fazia prodígios de equilíbrio, despertando a hilariedade da assistência, que soltava sonoras gargalhadas.

«Mas ela não esteve com meias medidas e, voltando completamente as costas para o público, tirou os sapatos, foi colocá-los a um canto do palco e voltou para cantar e dançar.

«Foi um delírio. Era a vitória e era também um contrato para o cinema, que eu me apressei a levar a sua mãe, para a necessária aprovação».

Devemos esclarecer que o triunfo sensacional de Debbie foi conseguido com uma perfeitíssima imitação da sua actriz preferida: Betty Hutton, interpretando a canção «My Rockin' Horse Ran Away».

Com aquela sensacional imitação, conseguiria «Frannie» obter num ápice aquilo que

Com a ajuda do maquilhador e da empregada do guarda-roupa, Debbie prepara-se para se dirigir ao «plateau», onde se filma «Armadilha Amorosa», a fim de se submeter a filmagens.





nunca conseguira tornar realidade durante o seu tempo de estudante: representar.

Contratada, portanto, pela Warner, Debbie dava entrada nos seus estúdios em 8 de Julho de 1948, e depois de vários testes obteve um papel não muito grande em «The Daughter of Rosie O'Grady», estrelado por June Haver e Gordon McRae.

O dinheiro ganho nessa película gastou-o a azougada rapariga na compra de um automóvel, no qual foi assistir à estreia de gala do filme, em companhia de ser irmão, Bill Reynolds.

Mas em breve uma desilusão ofuscaria a beleza e a ventura daqueles momentos.

Obrigada pela força das circunstâncias (baixa produção), a «Warner Bros.» viu-se compelida a dispensar muitos artistas. Debbie

A avaliar pelas expressões dos seus olhares e pela indiferença com que parecem ignorar os acepipes que estão à sua frente, Debbie Reynolds e Vic Damone devem cantar o amor. Na foto de baixo: elegância, beleza, movimento e graciosidade.





Embora possa parecê-lo, Debbie não está deslocada nesta cena de «Duas semanas de amor», já que também ela possui uma vozinha agradável. Vic Damone e Jane Powell são os seus oponentes.

foi contratada da Warner durante ano e meio, mas depois desse tempo de trabalho no estúdio, exactamente em 12 de Janeiro de 1950, a direcção da empresa mandou-a chamar para lhe dar a primeira, e até agora cremos que a única, desilusão da sua vida artística.

— A produção é pequena... — disseram-lhe, entre reticências. — Não há filmes para si. Talvez encontre qualquer oportunidade melhor noutro lado. Ainda é muito nova. Tem toda uma vida à sua frente. Não desanime. Lute!

Mas a despeito daquela exortação à luta, o certo é que estava despedida.

Cruéis lágrimas de desilusão correram-lhe pelas faces mimosas. O escutar daquelas palavras proferidas pelos magnates da Warner fora uma experiência bastante dolorosa e extremamente dura.

Mas a boa estrela não abandonara a menina azougada de El Paso e Burbank, e Debbie foi contratada pela Metro-Goldwyn--Mayer para cantar e representar na película «Três palavrinhas», desempenhando o papel de Helen Kane.

Nesta película ganhou Debbie os favores da crítica e do público e a atenção da Metro, que estabeleceu com ela um contrato.

Uma nova estrela começava a despontar fulgurantemente. Uma «estrelinha» de 18 anos, uns 18 anos ladinos e travessos, mas que se intimidavam por trabalhar ao lado de Red Skelton, que coravam de enleamento quando Clark Gable a chamava pelo seu nome, e que só depois de inúmeras hesitações e fazendo um apelo a toda a reserva de coragem e valor que possuia, conseguiu aproximar-se da extraordinária comediante que é June Allyson a fim de lhe pedir um autógrafo para Raymond Reynolds.

Mais tarde, a Metro resolveu incluir a jovem «estrelinha» no elenco de «Duas semanas de amor», ao lado de Jane Powell e de Carlton Carpenter.

O filme seria dirigido por Roy Rowland,



SEDUÇÃO



ENLEVO

A PERSONALIDADE DE DEBBIE



ENCANTO



SIMPATIA

NAS fotos que ilustram esta página podemos admirar quatro expressões diferentes da simpática artista que é Debbie Reynolds e nas quais a «estrela» nos transmite outros tantos estados de alma.

O valor de uma actriz está segundo um princípio universalmente aceite, no modo como consegue transmitir, independentemente das palavras que profere, o estado psicológico, digamos o clima da alma, que corresponde a um determinado momento do personagem que vive na tela ou no palco.

Um actor pode recitar impecàvelmente, mesmo nas entonações adequadas o seu papel, que a sua representação será apenas medíocre ou mesmo má, se o seu rosto não acompanhar a evolução das várias mutações por que a sua alma passa.

Na comunicação com o público, só possível por um jogo histriónico, está o verdadeiro valor de um artista e o sopro que distingue o génio da banalidade. Está, numa palavra a personalidade desse mesmo artista.

Debbie é, como pode verificar-se pois, uma actriz de marcada e rara personalidade.

o qual, uns dias antes de iniciar os trabalhos de rodagem, mandou chamar Debbie ao seu gabinete.

— Quando Debbie entrou no meu gabinete — conta aquele director — atirou-se para cima de uma cadeira, cheia de calor. Reparei melhor nela. Era engraçada. Tão fresca e desafectada, tão simples e desprovida de vaidade que, à medida que falava, eu ia imaginando, ou melhor, eu ia vendo a personagem que ela iria interpretar na película. E, mais tarde, ao dirigi-la no «set», tive ocasião de verificar que Debbie era alguma coisa mais do que uma garotinha viva e alegre; era uma rapariga que sabia o que queria e se esforçava ao máximo para tornar o seu papel tão perfeito quanto possível.

A canção que Debbie interpretou naquela película, intitulada «Aba-Daba-Honeymoon», depressa se transformou num êxito rotundo e as suas gravações alcançaram vendas astronómicas.

Pouco depois da estreia de «Duas semanas de amor», a senhora Reynolds acompanhou sua filha e Carlton numa viagem publicitária, óptima para a popularidade da nova «estrela», através dos Estados americanos. Mas entre os dois artistas não se esboçou qualquer romance de amor. Eles continuaram a ser, simplesmente, dois belos camaradas.

O primeiro grande êxito cinematográfico de Debbie Reynolds surgiu com a película «Serenata à chuva», em que os seus oponentes foram Gene Kelly e Donald O'Connor.

Apresentada como sendo uma fraquíssima bailarina, ela foi pessoalmente ensinada por Gene Kelly e depois de trabalhar duramente durante algum tempo, conseguiu atingir notável segurança tanto em «ballet» como em danças modernas, e a sua interpretação foi seguríssima. Então, Debbie decidiu que as comédias musicais eram o seu forte.

Mas, dotada de enorme vontade de se aperfeiçoar, apesar de nessa altura começar já a conhecer os fa-



Encantadora, de facto, esta Debbie, seja de que maneira for que nos apareça. Uma alegre cena de «Gosto do rapaz».

vores da fama e da popularidade, Debbie sentiu que uma experiência teatral, diante de um auditório vivo, lhe poderia ser muito útil, e essa experiência apareceu com a sua intervenção na peça «Best foot forward», representada no teatro da Feira do Estado, em Dallas, Texas.

O homem

DOS SEUS

sonhos . . .

EMBORA, desde que começou a aparecer no «ecran», Debbie Reynolds, tivesse vários pretendentes e chegasse até a andar com alguns deles, com uma certa frequência, o certo é que sòmente ao encontrar Eddie Fisher pela segunda vez, Debbie soube o que era o verdadeiro amor.

Carlton Carpenter, seu parceiro em «Duas semanas de amor» e seu companheiro numa viagem publicitária, que alcançou o Brasil, foi um dos seus mais assíduos amigos. Mas por aí se ficou. Entre eles não houve qualquer esboço de romance.





Depois foi Robert Wagner quem tentou a sua sorte, e, embora chegasse a esboçar-se um romance amoroso, nunca os uniu um grande amor, daqueles que subjugam, que vencem todos os obstáculos.

Também Tab Hunter, durante o ano de 1953, foi visto amiudadas vezes acompanhando a encantadora estrelinha e logo se falou em idílio amoroso.

— Para assitir a estreias e festas — explica Debbie — diziam-me nos estúdios que devia ir acompanhada por rapazes conhecidos e então sou obrigada a escolher entre os meus colegas e naturalmente a escolha recai num rapaz solteiro.

Com Eddie Fisher, porém a coisa foi diferente. E se, no seu primeiro encontro ele foi o único a ficar impressionado, o mesmo não aconteceu quando se encontraram pela 2.ª vez.

Então, como que sentiram que uma estranha corrente magnética os percorria e... daí para diante começaram a encontrar-se e apaixonaram-se.

Segundo rezam as crónicas de então, Debbie Reynolds e Eddie Fisher, quando não podiam furtar-se a ir às festas sociais, passavam todo o tempo destas, isolados a um canto, sentados em qualquer sofá, olhos nos olhos, de mãos dadas. O seu embevecimento era tão grande que se alheavam de tudo e de todos, comportando-se tal como se fossem os únicos habitantes sobre a crosta terrestre.

Depois de várias peripécias, e da propagação dos mais desencontrados boatos, Debbie veio a casar, em Grossinger, uma pequena cidade perto da Nova Iorque, com o homem dos seus sonhos: Eddie Fisher.

À medida que a sua popularidade ia aumentando, Debbie ia recebendo um maior número de cartas enviadas pelos seus admiradores das mais diversas paragens do globo.

A primeira dessas mensagens que teve resposta imediata foi a de um jovem combatente na Coreia, de nome Paul Lilliard. A actriz não só lhe respondeu imediatamente, como lhe mandou a sua fotografia autografada e o recomendou a um amigo seu que também batalhava na frente coreana. Em breve a jovem «estrela» se transformou no «Anjo da Guarda» dos combatentes americanos na península coreana. A todo o momento os soldados americanos a evocavam e falavam dela.

Por seu turno, Debbie e sua mãe passavam noites inteiras a responder às cartas dos soldados combatentes na Coreia.

Mas a sua actividade nesse campo não se limitava ao envio de fotografias e à resposta imediata às cartas recebidas. Debbie vai mais longe, e actua nos hospitais para divertir os soldados.

Em 1951, no Hospital de Walter Reed, Debbie conquista mais um admirador, o soldado Eddie Fisher, que se emociona com o modo como ela canta.

A despeito de toda a sua actividade, Debbie não esqueceu os seus pais, e assim, no dia em que fizeram 25 anos de casados, ela ofereceu-lhes uma bela festa de homenagem no Cocoanut Grove. Seu pai, o pacato carpinteiro de El Paso, confessou então ser aquela a sua primeira visita a um clube nocturno.

Com 19 anos, Debbie tem o seu primeiro namoro a sério: Bob Wagner. Mas não foi um grande amor e depressa feneceu.

Em 1952, na véspera do Natal, a actriz voa até à Coreia, onde vai animar os soldados com a sua alegria esfusiante, contagiando-os benèficamente com a vontade de viver que dela se desprende.

Em 1953, Tab Hunter acompanhava-a com assiduidade e, segundo a sua opinião, Debbie era uma rapariga encantadora e com imensa graça. Mas o romance não pegou.



Quando os colegas de filmagens são gentis ao extremo de oferecerem um bolo de aniversário, celebrando tão festiva data, não há dieta que resista...

Nesse mesmo ano de 1953, Debbie obteve ao lado de Dick Powell e Anne Francis um êxito clamoroso na deliciosa comédia «As 3 noites de Susana», dando com graça esfusiante uma delinquente juvenil que logra afastar o seu protector dos braços da noiva.

E com Pier Angeli e Carlton Carpenter, Debbie, ainda em 1953, desloca-se ao Brasil, onde encanta toda a gente e obtém a «classificação» de «um brotinho formidável».

Em 1954, Debbie Reynolds foi tocada pelo amor, e o homem que conseguiu impressioná-la, fazendo-a perder o coração, foi exactamente um certo soldado para quem cantara um dia no Hospital de Walter Reed, havia três anos.

O seu reencontro foi casual, e por estranho capricho do Destino também num Hospital Militar. Simplesmente, as circunstâncias eram agora diferentes para Eddie Fisher, que já não era um doente, mas um cantor que começava a tornar-se conhecido e fora descoberto por Eddie Cantor.

Mais tarde tornaram a encontrar-se no

Debbie

A «MIUDA TRAQUINA» que todos adoram...



Toda a traquinice e gaiatice de Debbie aparecem bem patentes neste instantâneo.



A avaliar pelo modo como tapam os ouvidos e pela aflição, quase diríamos terror, que se estampa nos rostos dos dois cavalheiros que a rodeiam, somos forçados a concluir que, pelo menos por esta vez, Debbie deixou por mãos alheias os seus créditos de solista de trompa da Orquestra Sinfónica de Burbank.



Tentando convencer um homem forte, de que é forte...

O feitio irrequieto, vivo e simpático de Debbie Reynolds é um seguro passaporte para chegar ao coração das pessoas que com ela contactam. Ninguém pode deixar de amar aquela garotita diabólica e a prova está no título de «a mais simpática artista de Hollywood» que lhe foi atribuído em magna reunião pelo Clube das mulheres jornalistas.

E para que uma mulher, e sobretudo uma artista de cinema, seja considerada muito simpática pelo grupo feminino onde pontificam alguma das mais terríveis «comadres» do mundo, é necessário ser realmente um «poço» de simpatia...



Numa festa social, falando de... alturas...



De novo interessada num problema de alturas, que diverte Ernest Borgnine.



Nesta cena da película «Gosto do rapaz» a insinuante presença da actriz parece indicar que ela é a mais preciosa de todas as jóias expostas.

«set» de «Athena», e Debbie pensou que Eddie «era muito tímido para ela». Porém, quando, depois de haver estado em Nova Iorque, ele lhe telefonou certo dia, Debbie acabou por descobrir o seu maravilhoso senso de humor.

O romance começou a esboçar-se. Louella Parsons, uma das mais temíveis «comadres» de Hollywood, escreveu, a seu tempo, sobre eles:

«Pela primeira vez na minha vida de repórter de Hollywood assisti, de perto, ao começo de um ardente romance entre dois jovens muito meus conhecidos: Debbie Reynolds e Eddie Fisher. Se estes dois jovens não estão loucamente apaixonados um pelo outro, então não sei o que é amor. Vê-se pelos olhares que trocam, pelas palavras que deixam escapar, pelas menores coisas, enfim».

Quando escreveu estas afirmações a jornalista tivera ensejo de observar o romance ao encontrar-se com os dois «astros» em Las Vegas. Ainda no mesmo artigo e mais adiante a conhecida repórter conta que Eddie lhe confessara estar realmente apaixonado por Debbie. E quanto a esta, a sua fisionomia não mentia. Com aqueles olhos verdes muito brilhantes e aquela expressão radiosa, transpirava amor por todos os poros.

Ao voltarem para Hollywood, eles encontraram-se, pela primeira vez, numa festa em casa de Dinah Shore, em 17 de Junho de 1954. Na noite seguinte, Debbie teve um convite para a abertura do «Cocoanut Grove».

Eddie cantou só para ela, dirigindo-se para a sua mesa logo que terminou o seu número, e Debbie tinha a felicidade estampada no rosto, ao presenciar o clamoroso sucesso do cantor.

Depois disto, eles encontravam-se todas as noites e, por vezes, de dia, íam nadar e fazer esqui aquático.

Ao cabo de seis semanas em West Coart, Eddie regressou a Nova Iorque.

Trocaram vários telegramas, e em Agosto Debbie e a mãe foram ao encontro de Eddie e sua mãe. Então declararam não ter sido combinado o noivado. Este apareceu, ou, antes, foi anunciado dois meses depois, durante uma festa dada por um casal célebre,

amigo e protector de Eddie Fisher: Ida e Eddie Cantor.

O amor brilhava nos olhos de ambos, e no dedo de Debbie cintilava um diamante de 7 quilates.

Por duas vezes os planos de casamento dos dois jovens artistas falharam rotundamente. Correram boatos desagradáveis, e em Maio de 1955 Debbie voava para a Coreia a fim de entreter as tropas, levantando-lhes o moral, e para dar a Eddie o tempo necessário para pensar.

Ao regressar da Correia, Debbie ouviu as últimas notícias: que o noivado fora quebrado. Isso decidiu-a: arranjou as coisas de modo a poder voar para o Este a fim de conseguir falar pessoalmente com Eddie.

Mas foi em casa de um tio, em Palm Spring, que tudo ficou decidido. Aí assentaram o seu futuro, mas desta vez não gritaram o seu amor, nem os planos para o casamento.

Debbie disse, então, sòmente:

— Amo Eddie, e ele ama-me. Vamos casar.

Era sempre a mesma coisa. Continuavam a não indicar uma data. Quando assentaram esse pormenor, guardaram o seu segredo tão bem que nada transpirou até pouco antes da cerimónia, realizada em 27 de Setembro de 1955.

Casaram sossegadamente em Grossingers.

Foi breve a sua lua-de-mel.

O trabalho separou-os, conservando Fisher afastado do seu primeiro lar, em Pacific Palisades.

Em Abril de 1956 sòmente, é que Debbie e Eddie lograram ter a sua lua-de-mel, que passaram nas Bahamas.

A sua vida era alegre e feliz. A sua mocidade esfusiante, o amor que os unia, a compreensão que os ligava faziam deles um dos casais mais simpáticos da América.

Onde quer que aparecessem, integrados no elenco de qualquer espectáculo, ou como simples espectadores, ou convidados, Eddie e Debbie atraíam sobre si as atenções gerais, com o espectáculo da sua mocidade e do seu amor.

Em Outubro de 1956, o casal Fisher recebeu a primeira visita da «cegonha», e Carrie Francis, a recém-nascida, parece ser um elo mais na vida do casal, que é apontado como modelo na vida de Hollywood.

Na verdade, se em Hollywood, algum casal merecia a designação de modelo, este era um deles, pois sempre sonhara manter-se unido, aparando com a força do seu amor o vendaval de frivolidades e separações que impende sobre aquele canto de sonho e de magia que é a cidade do cinema.

A sua ternura, a sua compenetração de bem casados, a sua inatacável seriedade era proclamada em todas as revistas de cinema.

Eddie Fisher e Debbie Reynolds formavam um casal perfeito, com o qual todos queriam contactar, do qual todos queriam ser amigos. E entre estes últimos, Mike Todd e sua mulher, a fascinante Elizabeth Taylor, eram dos mais devotados.

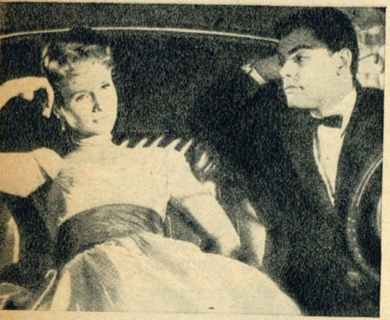
Quando Mike Todd morreu, em Março do ano findo, num estúpido acidente de aviação, as primeiras pessoas que acompanharam a então inconsolável — pelo menos aparentemente — viúva, foram precisamente Deb e Ed, que numa prova de sã amizade e num alarde da melhor compreensão e caridade, levaram para sua própria casa e deles cui-



Duas gerações. Duas grandes actrizes: Debbie, jovem e bela, Bette Davis na curva descente. Como mulher, que não como actriz.



Frank Sinatra parece querer ensinar um passo de dança à encantadora Debbie que, a avaliar pelo sinal que faz ao seu companheiro, parece querer dizer que já sabe tudo.



Em «A ingénua e o solteirão», Debbie Reynolds contracenando com o novel galã John Saxon. Debbie canta o tema musical cujo nome deu o nome à própria película.

daram, os filhos do matrimónio desfeito pelo impacto brutal da morte. E, mais tarde, a própria Elizabeth Taylor se acolheu àquela casa amiga, enquanto procurava recompor-se do grande choque sofrido.

E foi assim que Eddie se viu ladeado por duas encantadoras mulheres.

Durante seis meses Elizabeth foi uma amiga excepcional a quem prodigalizaram todos os cuidados, demonstrando uma abnegação e um desinteresse que se tornaram notados.

Mas o regresso ao trabalho forçou o casal Fisher a separar-se. Enquanto Debbie continuava em Hollywood, Eddie partia para Nova Iorque, a fim de actuar num clube nocturno para onde fora contratado.

Aconteceu, porém, que Elizabeth, por essa altura, começou a sair do letargo em que a mergulhara a morte do marido e, acompanhada por seu enteado, partiu também para Nova Iorque, a fim de preparar uma película de que seria produtora juntamente com o enteado...

A Hollywood tinham chegado já certos rumores de que Eddie e Liz saíam frequentemetne em Nova Iorque. E Debbie começou a ser assediada com perguntas. A todos, porém, respondia do mesmo modo. Parecia-lhe perfeitamente natural que Eddie ajudasse a amiga comum a minorar a sua dor.

Entretanto, como o contrato de Eddie em Nova Iorque houvesse terminado, Debbie foi esperá-lo, com impaciência mal contida, ao aeroporto de Los Angeles.

Mas Edide não veio. E Debbie começou a duvidar da sua certeza, atingida pelas alusões com que as bisbilhoteiras de Hollywood pretendiam atirar os seus dardos venenosos contra o «casal modelo».

E um dia, como uma bomba H, rebentou o escândalo e Debbie sentiu-se ainda menos segura de si.

Determinado jornal publicava na sua primeira página uma foto em que se viam Eddie Fisher e Elizabeth Taylor, muito juntinhos, sentados a uma mesa do célebre «Sport Clube». E a legenda que acompanhava a foto era ainda mais bombástica do que a própria fotografia.

Fisher voltou, finalmente, e segundo o testemunho de alguns vizinhos, a coisa não correu muito bem, pois era absolutamente perceptível o ruído de uma longa altercação.

Pouco depois, porém, Debbie, embora não parecesse demasiado convencida, declarava:

— Eu e Eddie tivemos um pequeno mal-entendido que originou uma altercação. Porém, tudo passou já.

Mas quase em seguida Eddie voou de novo

para Nova Iorque, onde foi encontrar-se com Elizabeth Taylor, tendo sido visto e fotografado com ela em vários locais nocturnos nas mais diferentes poses: dançando, ceando como dois noivos, dizendo segredos, olhando-se com ternura.

Liz Taylor, o terceiro vértice deste triângulo amoroso, declarava, por seu turno, com perfeito à-vontade:

— Gosto muito do Eddie. Durante as duas últimas semanas, senti-me a mais feliz e a mais humana das mulheres.

Quando lhe fizeram sentir que aquela atitude não era a que melhor correspondia à amizade que Debbie lhe demonstrara inequìvocamente, Elizabeth replicou:

— Que querem que eu faça? Que peça a Eddie que vá para junto da esposa e faça mais uma tentativa para ser feliz? Isso seria fazer com que se aniquilassem reciprocamente.

O casal desavindo teve uma reunião com os seus advogados. No final dessa entrevista, que teve lugar na sua casa de Beverly Hills — quase pegada à da viúva de Mike Todd — Debbie declarou aos jornalistas que então a massacraram com perguntas:

— Se alguém tiver de sair, será Eddie. Eu fico aqui com os meus filhos. Devo declarar porém que, apesar de tudo, amo muito meu marido.

A Fisher só foi possível interrogarem-no mais tarde, um clube nocturno em que estava acompanhado por Elizabeth Taylor.

Disse:

— Liz nada tem a ver com isto. As desavenças tinham surgido há muito entre mim e Debbie.

Não só a América mas o Mundo inteiro acompanhou com o maior interesse o triste desbobinar deste caso, cujos tramites principais aqui se recordam e cujo resumo se fará seguidamente, dado o prestígio de Debbie como artista cinematográfica de enormes possibilidades — bem demonstradas na adorável Tammy de a Flor do Pantano — e o halo de casal modelo que os rodeava.

O triste epílogo deste caso, foi a concessão pelos tribunais do divórcio, cujo pedido fora apresentado pela estrela em 12 de Setembro findo, e em cujo anúncio Debbie comentou:

— Parece mentira que durante vários anos se possa viver com um homem, sem que se note que ele não nos ama, mas é esta a triste verdade.

O ROMANCE DE AMOR DEBBIE REYNOLDS-EDDIE FISHER VISTO CRONOLÒGICAMENTE:

17-6-1954	— Eddie canta para Deb no «Cocoanut Grove».
2-8-	— Eddie compra a Debbie o grande anel.
20-8-	— Debbie não vai para onde Eddie vai.
26-8-	— Debbie voa para Nova Iorque ao encontro de Eddie.
27-8-	— Eddie beija Debbie à chegada ao aeroporto.



Três artistas de cinema dos mais famosos: Lana Turner, Gilbert Roland e Debbie Reynolds falam e sorriem para Perez Prado, um dos mais famosos músicos mundiais, conhecido como o «Rei do Mambo».





Debbie e Eddie descansam um pouco antes de mergulharem uma vez mais nas tranquilas águas da piscina, que é um dos seus retiros favoritos.

Um casal feliz e simpático. Pais extremosos e satisfeitos. Eis uma legenda mais que suficiente para elucidar os nossos leitores sobre o significado destas duas fotos.





na intimidade de um CASAL FELIZ

NO LAR — Em cima, Eddie canta para sua mulher, que o escuta embevecida. Em baixo, depois do árduo trabalho exigido pelas suas carreiras, sabe bem comer uma sanduiche na intimidade do lar.





Cópia da participação do casamento de Marie Francis Reynolds (Debbie Reynolds) com Edwin Jack Fisher (Eddie Fisher).



Mr. and Mrs. Raymond Francis Reynolds

announce the marriage of their daughter

Mary Frances

to

Mr. Edwin Jack Fisher

Monday, the twenty-sixth of September

Nineteen hundred and fifty five

Grossinger, New York



Ela... e o rival do marido

Vic Damone é, sem dúvida, o mais directo rival de Eddie Fisher. Não, não... não é no amor, é na «garganta». Na verdade, as suas vozes e estilos são tão semelhantes como os seus tipos masculinos.

20-9-1954	— Poderá a religião separar Deb e Eddie?
15-11-	— A «estrela» confessa o seu amor por Eddie.
13-12-	— A carreira de Ed é fastidiosa para Deb.
8-2-1955	— Deb e Ed assentam a data do casamento.
2-3-	— Casamento adiado.
5-5-	— Debie fala da data do casamento.
4-6-	— Debbie, doente, guarda o leito.
14-6-	— Debbie diz que vão casar.
27-9-	— Casam civilmente.
15-10-	— Deb e Eddie vão filmar juntos?
23-7-1956	— Um bebé a caminho para Deb e Ed.
6-5-	— O «show» de Eddie parte antes de nascer o bebé.
2-6-	— Deb retirar-se-á do cinema se Fisher quiser.
2-7-	— Deb recolhe ao leito.
22-10-	— É uma rapariga.
24-11-	— Fisher compra uma casa.
18-3-1957	— Os Fishers vendem a casa comprada há cinco meses.
25-3-	— Deb não quer acompanhar Eddie.
11-6-	— Debbie é eleita presidente dos Thalians.
10-7-	— Debbie parte para a Europa.
29-7-	— «Tammy», o êxito do disco.
8-8-1957	— Fisher não vai à casa que Debbie comprou.
7-9-	— Deb confirma estar a caminho do segundo bebé.
28-7-	— Aniversário-surpresa.
25-2-1958	— É um rapaz.
19-3-	— O bebé chamar-se-á Todd Emmanuel.
14-4-	— Fisher planeia uma real lua-de-mel no estrangeiro.
9-9-	— Deb chocada pelos rumores de um romance entre Ed e Liz Taylor.
10-9-	— O casal modelo fala de divórcio.
11-9-	— Liz declara que Eddie nunca amou a mulher.
	— Deb declara continuar a amar Fisher.
25-9-	— Debbie toma posse da casa de Palm-Spring, para a vender.
30-10-	— Debbie impressionada.
11-11-	— Debbie confirma a história Eddie-Liz.
Maio-1959	— Decretado o divórcio entre Debbie e Eddie.





Por esta pequena e sintética enumeração cronológica dos principais passos do «caso amoroso» entre Debbie Reynolds e o cantor Eddie Fisher, ficarão os nossos estimados leitores com a convicção de que, após um noivado muito apaixonado, é certo, mas cheio de inexplicáveis contradições, sobretudo provocadas pelas incertezas de Eddie, se chegou a um casamento que cedo se transformou num dos mais ditosos do «cinema», emprestando aos seus componentes a designação de «casal-modelo».

Para que tal designação merecessem, de uma sociedade frívola, é certo, mas sempre pronta a criticar os mais ligeiros deslizes, com penas que vão até ao «ostracismo», é mais do que certo que além da juventude e do amor — dois óptimos e muito apreciáveis alicerces — havia alguma coisa mais a cimentar a união entre esses dois seres jovens, estuantes de vida, de juventude e de amor: uma compreensão perfeita das circunstâncias, ou antes, das contingências que as suas tarefas forçosamente forjariam; uma benevolência recíproca que permitia desculpar aos olhos do outro os seus pequenos defeitos, as suas variações de carácter, muitas vezes filiadas em cansaço provocado por um trabalho exaustivo e monótono, e, o que não seria menos importante, um mútuo respeito pelas suas carreiras e pelas exigências que essas mesmas carreiras não deixariam de lhes apresentar.

Mas, como nem tudo o que luz é oiro, um dia o Destino levou Liz Taylor — uma das mais formosas mulheres do mundo — a casa de Eddie e, talvez por compaixão, este afeiçoou-se-lhe de tal modo que, pouco depois, essa afeição descambava em delírio amoroso. E esse delírio amoroso, essa paixão escaldante que nasceu sabe-se lá porquê, levou o casal-modelo a desunir-se, a fracturar-se, a romper-se.

Hoje, Eddie é o marido feliz e apaixonado de Elizabeth Taylor, enquanto Debbie Reynolds parece ter encontrado na sua carreira cinematográfica — cada dia mais brilhante — o tónico espiritual necessário à cura do seu coração terno e sensível.

O desmoronar da felicidade de DEBBIE

Que houve de verdade no caso do marido roubado por ELIZABETH TAYLOR?



Elizabeth Taylor, Eddie Fisher e Debbie Reynolds, juntos no Hotel Tropicana, em Las Vegas, onde em Junho de 1958, o cantor deu um recital. Foi a primeira aparição em público de Liz, após a morte de Mike.

É difícil saber o que de verdade houve no deplorável caso de que foram protagonistas Debbie Reynolds, Eddie Fisher e Elizabeth Taylor.

De positivo apenas o ruir de um lar que fora construído à base da compreensão, da ternura e do amor e que um sopro, fosse qual fosse a sua origem, fez desmoronar como simples castelo de cartas.

De positivo apenas o romance Eddie-Liz-Taylor.

De positivo apenas um pedido de divórcio que deu entrada nos tribunais americanos, de que são protagonistas Debbie Reynolds e Eddie Fisher.

De positivo uma sentença de divórcio: Eddie--Debbie.

De positivo uma certidão de casamento judaico: Lyz-Eddie.

Por outro lado há as declarações dos vários interessados neste caso, proferidas quando tudo começou. Cabe ao leitor ajuizar do valor deles.

DEBBIE, DISSE:

«Parece mentira que se viva com um homem durante vários anos sem se perceber que ele não nos ama, e que aquela que consideramos como a nossa maior amiga possa ferir-nos tão vivamente como mo fez Liz».

EDDIE, CONFESSOU:

«Liz não tem nada a ver com tudo isto. Entre mim e Debbie existiam já muitas desavenças. Deu-se agora o seu agravamento. Nada mais».

LIZ TAYLOR, DECLAROU:

«Eu não tenho culpa nenhuma. Eu nada fiz. Não roubei o marido à minha amiga. Havia já muito tempo que eles não se entendiam».

Onde estará a verdade? Só o tempo nos pode esclarecer a verdade sobre a causa do rompimento do casal-modelo de Hollywood.



Já depois de haver casado com Elizabeth Taylor, Mike Todd dança com Debbie Reynolds.

A VIDA TEM DE CONTINUAR



A extraordinária coragem de que é dotada Debbie Reynolds, permitiu-lhe resistir a todo o desgosto da sua separação de Eddie Fisher, sem que da sua boca saísse a mais leve recriminação contra aquela que todos pensavam ser uma das suas maiores amigas: Liz Taylor.

Na verdade, e embora o pudesse ter feito, o certo é que Debbie nunca mencionou Elizabeth. No próprio fundamento do processo de divórcio, ela não aludiu a Elizabeth como presumível cúmplice do seu inconstante marido, fundamentando a sua queixa no motivo clássico: «extrema crueldade mental».

Com isto, Debbie demonstrou a todo o mundo que além da sua alegria de viver, o seu corpo miúdo albergava algo de mais importante: uma coragem indómita e primorosas qualidades morais.

Todos calcularão o quanto terá sofrido aquela rapariguita simpática, de 27 anos de idade apenas, que, no final de três anos da mais completa e verdadeira felicidade, é atingida por um golpe tão duro, e desferido, ainda por cima, pela sua melhor amiga, por aquela a quem, num espontâneo e irreprimível movimento de solidariedade humana, estendera a mão amiga, dando-lhe todo o conforto moral possível, quando um cruel golpe do Destino a precipitara numa viuvez que parecia realmente insonsolável.

Debbie é uma criatura humana e, como tal, a sua sensibilidade foi profundamente afectada com tão duro como inesperado golpe. Mas, como todo o ser humano, Debbie é dotada de vontade própria, e uma vontade indómita — coisa de que nem todos podem orgulhar-se — e foi essa vontade indómita que a ajudou a reagir, a lutar



Duas cenas de bailados extraordinàriamente dispares entre si, mas com um elo de ligação: Debbie Reynolds, que na gravura inferior parece voar, tal a leveza dos seus movimentos perfeitamente harmónicos.

contra a amargura e a tristeza, a renascer das próprias cinzas, qual Fénix dos nossos tempos.

E Debbie secou o pranto, endureceu o coração e, após algumas semanas, apareceu com o mesmo rosto sorridente de sempre. Apenas, bem no fundo dos seus olhos, se poderia vislumbrar uma réstea da mais sentida amargura. Apenas no seu consciente, o desejo de não falar nem escutar uma palavra sobre o drama de que foi vítima.

Com a simplicidade que a caracteriza, a encantadora Debbie declarou aos seus amigos:

— É preciso que a vida continui. É inútil lamentar o passado. Isso seria uma atitude negativa. Acima de tudo, eu tenho os meus filhos e o meu trabalho.

E Debbie dedicou-se a seus filhos com um carinho inultrapassável e entregou-se ao trabalho com afinco, diremos, mesmo, com frenesim.

Começou a rodar «The Mating Game», película em que contracenou com Paul Douglas, e, sem ter um curto descanso sequer, a azougada Debbie começou a filmar «Say one forme»,





É no trabalho que Debbie encontra o maior lenitivo para a sua dor. Esta foto foi tirada durante as filmagens de «The Mating Game». Debbie e Bing Crosby — duas gerações, dois ídolos — gravam as canções de «Jay One for Me».



em que Bing Crosby é o seu «partenaire». Depois desta película, virá «The Rat Race», com Tony Curtis.

Porém, como se todo este labor cinematográfico fosse insuficiente, a javem e talentosa actriz entabulou negociações para interpretar uma peça teatral na Broadway.

E a sua carreira, por muito estranho que pareça, tornou-se mais florescente do que nunca, tal como se o Destino, numa compensação para a sua crueldade, quisesse cumular, deu ma só vez, a sua vítima, de uma avalanche de favores.

Estamos em crer que Debbie saberá aproveitar essa prodigalidade do Destino para consolidar a sua posição no firmamento cinematográfico de Hollywood e do mundo e jamais desiludirá os seus admiradores que, depois de «Tammy», jamais deixaram de lhe reservar um pedacinho do seu coração.

Desgostos e alegrias, guerras e flagelos, riquezas e glórias, degradações e aprôbios, misérias e riquezas, saúde e doença, nascimento e morte, tudo vem, tudo passa e a vida tem de continuar...



Debbie Reynolds numa cena da comédia musical «Say One for Me».

Conversando com os "fans" portugueses



Por DEBBIE REYNOLDS

Devo confessar que, ao receber um convite, que me foi amàvelmente endereçado de Portugal, para escrever algumas palavras para os meus amigos desse belo país do qual tenho inesquecíveis recordações — sobretudo da paradisíaca Sintra — quando ali permaneci alguns dias com minha mãe e Fisher, fiquei um tanto embaraçada.

É que, não sendo escritora, a tarefa se me afigura titânica, talvez superior às minhas forças, a despeito da vitalidade que me orgulho de possuir e que tanto parece impressionar os outros.

Porém, como não quero nem posso defraudar os meus admiradores portugueses, que me dizem ser muito numerosos, aqui me têm para dar alguns conselhos.

Como eles e elas devem agir em circunstâncias sociais:

NÃO SABER O QUE DIZER

ELE

Quando estiver a falar com uma rapariga não deve falar sòmente das suas actividades ou de desporto. Recorda-se que isso é uma prova de egocentrismo, pois ela pode não se interessar por desporto e maçar-se com o facto de só lhe falar de si próprio. Dê-lhe uma oportunidade e seja simpático.

ELA

Esqueça-se de si mesma tanto quanto possível e pense no rapaz com quem conversa. Se souber as suas predilecções, leve-o a falar sobre elas. Isso lhe dará uma confortável sensação de segurança. Quando estiver num grupo considere todos como amigos e assim se formará um ambiente de agrado e amizade sempre benéfico. Quando o assunto abordado não for do seu conhecimento, saiba ouvir e faça uma ou outra pergunta.

COMO COMPORTAR-SE NUM PRIMEIRO ENCONTRO

ELE

Ao sair pela primeira vez com uma rapariga, não deverá mostrar-se nem acanhado nem demasiado confiante. Uma certa timidez, acompanhada da maior delicadeza e comedimento, será do agrado de qualquer rapariga que pensa no casamento.

ELA

Deve fazer comprender imediatamente o género de rapariga que é, e aquilo que espera e não espera desse encontro. Deve ainda pretender saber qual é o programa traçado para essa saída. Não é necessário ser qualquer coisa de espampanante. Defenda-se daqueles cujo único fito são os passeios de automóvel sem destino certo, procurando apenas um canto escuro para estacionar...

DAR UMA FESTA

ELE

Há uma série de pormenores que podem ficar a seu cargo, como por exemplo, os convites e a sua expedição; a escolha ds vinhos; a colocação dos convidados à mesa — um pormenor que requer grande importância — e um ror de coisas mais. Durante a festa deve atender sempre aos seus convidados.

ELA

Procure proporcionar o maior número possível de distracções aos seus convidados, organizando e estimulando jogos vários. E se tiver mesa de pingue-pongue, não se esqueça de propor umas partidas ou até um torneio entre os mais jovens.

Quanto ao jantar pode ser simples, mas deve ser farto e preparado com antecedência, para que não tenha de continuar na cozinha depois da chegada dos convidados.

OS AMIGOS DO MESMO SEXO SÃO IMPORTANTES?

ELE

Claro que você terá toda a vantagem em ter um amigo com quem possa desabafar os seus problemas e com quem possa aconselhar-se sempre que se encontrar hesitante perante qualquer decisão a tomar.

Quantas vezes um bom amigo, que dá um bom conselho, é mais precioso do que o mais precioso tesouro.

A amizade verdadeira e desinteressada é a maior riqueza que se pode ofertar a alguém.

ELA

Eu, por exemplo, tenho uma quantidade de amigas e ninguém pode condenar essa prática, tomando-me por exemplo. Saber lidar com pessoas do nosso próprio sexo é um bom treino para a personalidade. Tenho pena das jovens que não conseguem fazer camaradagem com as suas colegas. Uma rapariga aprende muito trocando ideias com as amigas, sobre roupas, problemas de beleza, a maneira de tratar com os namorados, etc.

E pronto! Aqui têm os meus amigos e as minhas amigas de Portugal — o mais belo país que já me foi dado visitar — a maneira como me desempenhei de uma incumbência que apesar de me ser muito agradável, me atemorizou um pouco. Agora todos vós sereis os meus juízes. Não me condenem muito duramente, não?

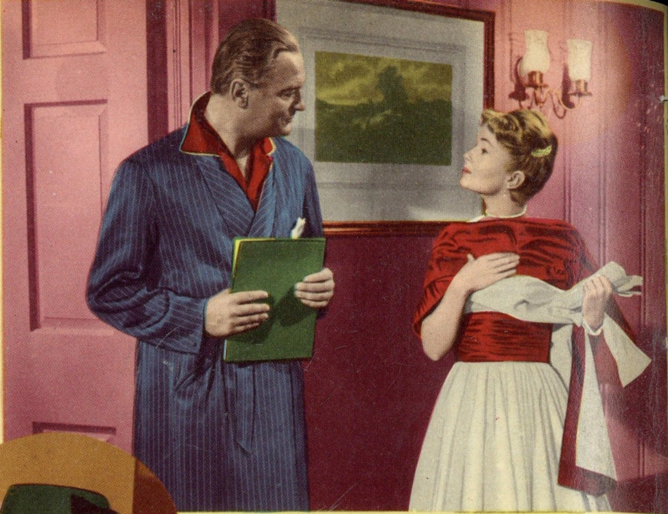
FIM

FILMOGRAFIA DE DEBBIE REYNOLDS

ANO	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO EM PORTUGUÊS	ARTISTAS
1949	The daughter of Rosie O'Grady	**Melodia do coração**	June Haver e Gordon Mc Rae
1950	Three litle words	**Três palavrinhas**	Fread Astaire Red Skelton
	Two weeks with love	**Duas semanas de amor**	Carlton Carpenter e Jane Powell
	Mr. Imperium	**É proibido amar**	Lana Turner
1951	Singin' in the Rain	**Serenata à chuva**	Gene Kelly Donald O'Connor
	Shirts Ahoy!	**Três raparigas modernas**	Esther Williams
1952	I love Melvin	**Gosto do rapaz**	Donald O'Connor
	Give a girl a break	**Casanova Júnior**	Marge e Gower Champion
1953	The Affairs of Dobie Gillis		
	Susan Slept Here	**As 3 noites de Susana**	Anne Francis Dick Powell
1954	Athena	**Athena**	Jane Powell Edmund Purdon
	Hit the Deck		
1955	Tender Trap	**Armadilha amorosa**	Frank Sinatra
	Bundle of Joy	**Vem aos meus braços**	Eddie Fisher
1956	The Catered Affair		
1957	Tammy ond ahe Bachelor	**A Flor do Pântano**	Leslie Nelson
1958	This Happy Filling	**A ingénua e o solteirão**	Curd Jurgens John Saxon
	The Mating Game		Paul Douglas
1959	Say one for me		Bing Crosby
	The Rate Race		Tony Curtis

no próximo número:

TAB HUNTER



N. 47

PREÇO 2$00

